



TEÓFILO OTONI, O DESBRAVADOR DO MUCURI

Jornal da AFATO, março 2006, p.3

Laís Ottoni Barbosa Ferreira*

Assistente social, psicóloga, escritora, historiadora e sócia titular do Colégio Brasileiro de Genealogia

Teófilo Benedito Ottoni nasceu na Vila do Príncipe (Serro), província de Minas Gerais, em 27 de novembro de 1807, filho de Jorge Benedito Ottoni e Rosália de Souza Maia, um ano, portanto, antes da chegada de D. João VI, rei de Portugal ao Brasil fugindo das tropas de Napoleão Bonaparte. Tinha somente 15 anos quando o Brasil se libertou do jugo português, tornando-se um país livre. Seu pai, Jorge Benedito Ottoni, tinha sido eleito vereador na Vila do Príncipe em 1813 e 1822, e tinha ativa participação política local, e os ideais liberais eram uma tradição familiar.

Por ocasião de seu nascimento haviam decorrido apenas 18 anos, e permaneciam ainda muito vivos na memória popular os terríveis resultados da Inconfidência Mineira de 1789, cujos participantes que lutavam pela liberdade da Pátria tinham sido tratados de maneira cruel e desumana pelas autoridades portuguesas. A Vila do Príncipe, onde ele nasceu, tinha integrado o chamado Distrito Diamantino, que era regido por Governo tirânico e rigoroso, voltado para a defesa dos interesses da Coroa Portuguesa nas minas de ouro e diamantes. Seu avô Manuel Vieira Ottoni tinha sido o Ensaiador da Casa de Fundição do serro, ou seja, o responsável pela pureza do ouro que seria transformado em barras, depois da cobrança dos tributos devidos à Coroa Portuguesa.

Estes acontecimentos eram ainda muito recentes e a história familiar estava repleta de acontecimentos traumáticos vividos sob um regime de absoluta falta de respeito pelos direitos humanos, que certamente influenciaram na sua formação moral, solidificando seu desejo de lutar pelos ideais de liberdade e justiça social, aos quais permaneceu fiel durante toda a sua trajetória política. Em 1827 estabeleceu-se no Rio de Janeiro, para completar seus estudos, e entrou como aspirante graduado da Marinha, passando a viver com seu tio José Eloi Ottoni, famoso poeta e diplomata, que foi um dos representantes eleitos pela Província de Minas que deveriam compor as Cortes, reunidos em Lisboa. Em 1830 Teófilo Ottoni requereu baixa da Marinha e voltou à sua cidade natal. No mesmo ano fundou o jornal “Sentinela do Serro”, no qual defendia ideias democráticas, republicanas e liberais. Seus artigos no jornal tiveram repercussão nacional, influenciando muito na crise que desencadeou na abdicação de D. Pedro I, Imperador do Brasil. Em 1835 ele foi eleito Deputado Provincial, e em 1838 Deputado para o Parlamento Nacional. Em 1840 teve uma atuação significativa no movimento pela maioria de D. Pedro II e sua instauração no trono do Brasil, sempre orientando, com seu lenço branco, as multidões que o acompanhavam de maneira ordeira e pacífica.

Em 1842 tomou parte na Revolução Liberal, por não concordar com medidas tomadas pelo Governo Imperial. Para os liberais, o partido de Teófilo Ottoni, a legalidade estava fundada na Constituição e no Parlamento Nacional, entendida como representação nacional; mas para os conservadores e palacianos era o Imperador a fonte de onde emanava toda a legalidade, e nestas condições a vontade pessoal de D. Pedro II e do grupo palaciano ditava os rumos do império. O conflito das ideias e dos interesses chegou às ruas e se iniciou a revolução na qual Teófilo Ottoni representou importante papel. O objetivo principal da revolução era instaurar um novo Ministério Liberal e suspender o Decreto Institucional que tinha dissolvido o Parlamento. O movimento foi derrotado pelo Barão de Caxias na Batalha de Santa Luzia.

Em 1845 foi reeleito Deputado para o Parlamento Nacional. Em 1847 fundou a Companhia de Comércio e Navegação do Mucuri com o objetivo de colonizar e desenvolver o Vale do Mucuri em Minas Gerais, empreendimento pioneiro de colaboração entre o Governo Imperial e a iniciativa privada que resultou na fundação da cidade de Filadélfia. Tratava-se, na realidade, de um projeto de penetração na floresta virgem do Vale do Mucuri, onde habitavam os ferozes índios Botocudos, e estabelecer pontos de comércio ligados por estradas de rodagem até Minas Novas, na Província de Minas Gerais, utilizando o Rio Mucuri para levar as mercadorias até o mar, na Província da Bahia. Os principais problemas encontrados no início do empreendimento eram os ataques dos índios e a malária, febre transmitida por um mosquito. Entretanto, Teófilo Ottoni acreditava que generosidade, moderação e brandura era o melhor caminho para captar a confiança dos selvagens. Deu, inclusive, ordens expressas ao pessoal da Companhia para que somente usassem armas de fogo para defender a vida.

Verificou-se posteriormente que o Rio Mucuri não era navegável em toda a sua extensão, e a companhia foi obrigada a construir 200 quilômetros de estradas dentro da mata virgem. Teófilo Ottoni não pretendia usar mão de obra escrava, e a possibilidade de utilizar trabalhadores locais não se realizou. Optou, então, pela utilização de imigrantes estrangeiros, e tomou providências neste sentido. Em 1855 chegaram ao Mucuri os primeiros imigrantes originários da Ilha da Madeira, que foram encaminhados para a Colônia Militar de Urucu. A estrada até o entreposto da Companhia, que passou a chamar-se Filadélfia, ficou pronta em 30 de agosto de 1857, mas era necessário prosseguir até Minas Novas para que fosse possível o escoamento das mercadorias do Nordeste de Minas Gerais até o mar, na Bahia. Para atender a este objetivo a Companhia conseguiu um empréstimo na Inglaterra, mas o Governo Imperial dele se apoderou e, com a subida dos conservadores resolveu retirar privilégios concedidos à Companhia. Em face da evidente má vontade do Governo Imperial, Teófilo Ottoni deu aos investidores da Companhia a liberdade de optar pela encampação, deixando claro que não desejava tirar nenhum proveito pessoal do empreendimento e manifestando, entretanto, sua preocupação com relação à proteção dos direitos dos colonos. A Companhia do Mucuri foi

encampada pelo Governo Imperial em 1860, e em 1862 saiu o relatório do representante do Governo Imperial na liquidação da companhia do Mucuri, no qual consta: “A Companhia do Mucuri não se desviou de seus objetivos nem utilizou recursos para interesses pessoais”. Foi na verdade um fim estranho, absurdo e paradoxal. A Companhia do Mucuri não acabava por exaustão. Morria de fatura, atuante de vida.

Teófilo Ottoni voltou então à arena política, sendo novamente eleito Deputado ao Parlamento Nacional em 1861. No mesmo ano ocorreu a chamada “Questão Christie”, entre o Brasil e a Inglaterra, ocasionada pelo naufrágio de um navio inglês no sul do Brasil, que as autoridades britânicas alegavam ter sido saqueado. O incidente tomou graves proporções, com sérias ameaças por parte da Inglaterra. Na oportunidade, o papel desempenhado por Teófilo Ottoni foi de grande importância, dando ao Imperador o necessário respaldo popular para tomar atitudes firmes nos limites da lei, evitando que a fúria popular ficasse incontrolável.

Em 1863 foi eleito Senador, falecendo em 17 de outubro de 1869, com apenas 62 anos. A notícia do seu falecimento causou grande consternação. No mesmo ano a chamada Rua das Violas, no centro da cidade do Rio de Janeiro, por decisão da Câmara, passou a chamar-se Teófilo Ottoni, e em 09 de novembro de 1878 a cidade de Filadélfia passou a chamar-se Teófilo Otoni, em homenagem ao seu fundador.

Em 27 de novembro de 1960 seus restos mortais foram transferidos do Rio de Janeiro para Teófilo Otoni, a cidade que fundou em Minas Gerais. Na oportunidade foram prestadas grandes homenagens ao grande líder liberal com a presença do Presidente da República, Ministros de Estado, autoridades civis e militares.

Em 27 de novembro de 2007 se completa o segundo século do nascimento de Teófilo Benedito Ottoni e, certamente, serão lembradas suas lutas contra a tirania do Estado e contra os abusos da autoridade em face dos direitos humanos de liberdade e justiça social. A frase por ele repetida será mais uma vez ouvida: “Ao Rei tudo, menos a honra”.

Crédito da imagem: Painel Teófilo Otoni, 1953, autoria de Santa Rosa

*A autora deste artigo faleceu, no Rio de Janeiro/RJ, em 28 de maio de 2016.